

VYGOTSKY, L. S. & LURIA, A. R.
Estudos sobre a história do
comportamento. Porto Alegre:
Artes Médicas, 1996, 252 p.

(*) Professora da
FACEDIUFBa

No ano em que se comemora o centenário de nascimento de Lev Semenovich Vygotsky, é de particular interesse que voltemos nossas atenções para a vigorosa obra do autor em parceria com Luria, seu discípulo, datada, como publicação, originalmente de 1993, embora escrita há algumas décadas.

O livro, como um todo, trata de questões relativas à história do comportamento, tendo em vista o macaco antropóide, o homem primitivo e a criança.

Nos debruçamos, mais particularmente, sobre a parte da obra em que o autor, aqui, em verdade, o parceiro de Vygotsky, trata do comportamento da criança, isto é, o terceiro capítulo, páginas 151 a 238. Oitenta e sete páginas, portanto.

Nesse capítulo, Luria, entrando em desacordo com o pensamento tradicional na ciência que estuda o comportamento humano, resolve ignorar que a criança repita, como pensam alguns pesquisadores, traços do

desenvolvimento do gênero, cobrindo, nos poucos anos de sua vida individual, o caminho percorrido pelo gênero em muitos milhares e dezenas de milhares de anos, para estudar e compreender o desenvolvimento do comportamento da criança, no que esse tem de diferente do comportamento do adulto.

Assim, após observações, o autor inicia suas conclusões pelo que alude a um *princípio da metamorfose*, que equivale ao primeiro sinal observável de que há diferenças entre o comportamento do adulto e o da criança. As evidências de que há uma constituição infantil específica na criança, de tal forma que, em termos de proporção, seu corpo, revela-se completamente diferente do corpo do adulto, são a primeira prova da diferença entre a criança e o adulto. Isso é observado, ao tempo em que se chama atenção para o fato de que tais diferenças são evidentes, ainda que as pessoas não costumem pensar assim. Há demonstrações, pelo autor, sobre isso, em seu texto, que, embora carregado de dispensável prolixidade, tem o poder de remeter o leitor a identificações deveras interessantes e pertinentes sobre essa questão.

Examinando o que vem a ser a criança de poucos dias em relação ao seu mundo, conclui o autor que esta, diferentemente do adulto, lida com o mesmo de maneira distinta, percebendo-o de modo que chama de primitivo, embora inteligente.

A percepção primitiva do mundo própria do bebê tem origem na sua relação anterior, quando vivia imerso, enquanto ser orgânico, em um ambiente - o útero - completamente isolado dos estímulos externos. Isto é o que afirma o autor, embora nos pareça que o isolamento em que vive o bebê não é tão

completo quanto aqui se afirma. Não obstante isso, compreendemos como pertinente que o autor mencione a diferença entre a concepção de espaço da criança e a do adulto, já que o sentido da visão entra no jogo das percepções a partir da vida no mundo externo.

Há, segundo o autor, no caso da criança e diferentemente do adulto, não apenas uma percepção primitiva, mas um pensamento primitivo. Em relação a esse aspecto, o colaborador de Vygotsky pensa de acordo com o que descobriu Piaget, posto que a esse autor faz várias referências. Para eles, o pensamento infantil caracteriza-se

por uma lógica própria, já que, como afirma o autor russo, iniciando a sua jornada como uma 'criatura orgânica', a criança conserva sua introversão e egocentrismo durante muito tempo, até que um longo período de desenvolvimento cultural a faça subsumir seu pensamento primitivo pelo do adulto cultural.

Será necessário, na perspectiva de Luria, que haja uma inibição das funções primitivas e o desenvolvimento de formas complexas de adaptação, para que se complete o que esse autor identifica como o caminho da cultura. Verifica-se, por exemplo, que algumas das capacidades naturais, em vez de se aperfeiçoarem, deterioram-se, se, na melhor das hipóteses, não ficam adormecidas em função de necessidades culturais. Sobre isso, o autor afirma que, sob pressão imediata das condições externas, no homem, em sua luta ativa com o mundo exterior, aprendeu a não usar diretamente suas capacidades naturais na luta pela existência, mas a desenvolver primeiro 'métodos' mais ou menos complexos para ajudá-lo nessa luta. Ao mencionar os métodos, o autor refere-se a todos os meios não-naturais

e inclui o uso do que chama de instrumentos ou ferramentas que ficam sendo, enquanto capacidade, um indicador do nível de desenvolvimento psicológico da criança.

Dentre o desenvolvimento das funções especiais com base na influência da cultura, o autor destaca a memória, a atenção e a abstração. Quase todas essas funções têm formas naturais em oposição às formas culturais. Com relação à memória, se não aprender a usá-la em sua forma cultural, isto é, de maneira seletiva, por exemplo, com o tempo, o que ocorre, é uma deterioração dessa capacidade natural. Diz o autor que, quando estudamos a memória do homem cultural (...), estudamos todas as estratégias e técnicas que visam a fixar a experiência na memória e que se desenvolveram no correr da maturação cultural.

Quanto à função da atenção, o que de mais interessante nos parece corresponde ao fato de que, se, naturalmente, a criança tem uma atenção não-volitiva, isto é, atenção instintivo-reflexiva, quando qualquer estímulo forte e repentino atrai imediatamente sua atenção, com o desenvolvimento cultural da atenção a criança será capaz de criar, ela mesma, estímulos que vão influenciar, organizar e atrair sua atenção.

De um modo diferente do que ocorre com as funções anteriormente referidas, a abstração não existe naturalmente na criança. Esta é uma função que tem sua gênese na cultura. Novamente remetendo aos resultados dos estudos realizados por Piaget, o autor verifica que é muito tardio o processo de realizar operações abstratas de ordem numérica, ocorrendo tal

capacidade somente por influência do trabalho realizado na escola e do ambiente cultural.

A fala e o pensamento correspondem a um binômio que o autor inclui entre as funções especiais. Se o pensamento pode ocorrer independentemente da fala (sobre isso não restam dúvidas ao autor), afirma Luria, discípulo e colega de Vygotsky, que esses processos, pensamento e fala, se influenciam de modo que um modifica e beneficia o outro. Isto porque, o fenômeno ocorre, principalmente, porque a fala - a fala interior, sobretudo toma a dianteira do pensamento, tornando-se, como se refere o autor, mais uma das ferramentas culturais auxiliar do pensamento que adquire novas e vastas perspectivas de ulterior desenvolvimento.

Assim, no estágio de desenvolvimento cultural, a criança vai se re-equipando, passando, gradativamente, de uma atitude ingênua para uma condição em que a escola e a experiência possibilitam a ela refinar o seu processo de adaptação, o que é conseguido mediante a apropriação de técnicas culturais.

Todas as considerações feitas pelo autor conduzem-nos a uma abordagem à questão do defeito e do talento, levando-o a advogar, para casos de crianças defeituosas, uma visão diferente sobre as possibilidades que têm tais crianças de, por influência da cultura, desenvolverem-se de forma compensatória - às vezes super-compensatória - pelo uso de ferramentas, que ajudam que superem seus defeitos. Isso altera radicalmente, para o autor, a noção de retardo e talento por influência da cultura. Nesse sentido, convoca a psicologia a rever sua maneira de tratar a questão da influência da

cultura no desenvolvimento da criança.

Após ter percorrido com curiosidade o desvelar da situação de influência que a cultura exerce no comportamento da criança, não podemos deixar de mencionar que, de nossa parte, consideramos que muitas dessas influências não têm sido benéficas. Parece que, por isto, uma corrente naturista, ainda que romanticamente, acreditamos, empreende esforços para fazer estancar a força dessa mau uso da visão. Se o mau uso da visão nos conduziu ao uso de óculos, o uso de óculos nos acomoda de forma a não desenvolver uma visão em toda a sua potencialidade.

Outro exemplo que podemos destacar como sendo de influência cultural diz respeito ao fato de que o homem da cultura do consumo, embora tenha ingressado no mundo da palavra escrita e tenha, em vista disso, sido capaz de desenvolver o imaginário como forma de lazer, não o faz. E isso por influência de uma cultura do consumo de informações ou de outras formas, consideradas deletérias, de lazer. Assim sendo, o adulto cultural parece-nos tender a atrofiar sua capacidade de criar, no que tange à produção escrita. Estará voltando ao estado mais primitivo de ser um ser de oralidade? Ou pior, de ruídos instintivos? Sobre isso, aconselho que se assista ao filme *Denise está chamando* em que o uso do telefone como instrumento da cultura afasta as pessoas do contato verbal mais do que as aproxima como seria de se esperar.

Se a idéia inicial do autor era a de fazer contraposição ao pensamento que compreende que a criança repete o desenvolvimento do gênero humano (cobrindo, nos poucos anos de sua vida como indivíduo, a trajetória percorrida pelo gênero desde os primeiros momentos em que habitou a terra até o tempo presente) conseguiu seu intento através de trazer à luz raciocínios e provas resultantes das investigações realizadas. De fato, ante às idéias apresentadas, ao longo do trabalho, não podemos deixar de concordar que a influência da cultura altera em muito a possibilidade de que a criança possa repetir a trajetória feita pelo gênero humano. Isto porque, repetir essa trajetória exigiria muito maior complexidade, em alguns aspectos, do que a que se revela no desenvolvimento da criança, face ao desenvolvimento do homem cultural, ainda que, em outros aspectos - como no caso do desenvolvimento da capacidade auditiva - se pudéssemos imaginar o que seria possível, a trajetória do gênero humano tenha sido, até aqui, talvez, muito mais empobrecida do que enriquecida em grau de complexidade. Parece-nos que a acuidade auditiva do homem cultural é menor do que a da criança, como de muitos animais.

Pela riqueza e pertinência de informações, consideramos que a obra como um todo ou, pelo menos, este terceiro capítulo que requer uma análise interessada por todos aqueles que se dedicam ao trabalho pedagógico com crianças em geral, merece ser lida; leitura que, sem dúvida alguma, recomendamos.